

190



Nilton Queiroz

Cacique Yacalo, ao lado do filho Taile, disse que o dinheiro arrecadado será usado na compra de um caminhão

Índio do Xingu traz arte para São Paulo

Eles fazem questão de não assumir a cultura dos brancos. São raros os que deixam a tribo ou que falam português. A língua oficial é o Karib. Mas a necessidade de sobreviver fez com que índios da tribo Kuikuro, do Alto do Xingu, decidissem, pela primeira vez, expor em São Paulo o que têm de mais precioso: o artesanato e a cultura. Em abril, quando se comemora o mês do índio, pelo menos 10 deles, sendo que a maioria nunca deixou a aldeia, estarão fazendo exposição em Juquitiba, Grande São Paulo, em meio a uma reserva de Mata Atlântica. Os indígenas trarão todo tipo de artesanato, de pulseiras feitas de sementes de plantas nativas a bancos confeccionados de madeiras desconhecidas dos brancos.

O dinheiro arrecadado será revertido para a tribo, que está enfrentando algumas dificuldades de sobrevivência. A Kuikuro é uma das 16 tribos que integram o Alto do Xingu, que ao todo somam cinco mil índios. "Lá índio não usa dinheiro, troca tudo com as outras tribos. Mas agora estamos precisando", explica Yacalo Kuikuro, de 49 anos, o segundo cacique da tribo, encarregado das negociações com a Fundação Nacional do Índio (Funai).

A grande batalha dessa tribo, segundo o cacique, é tentar melhorar a qualidade de vida para manter os jovens índios na aldeia e preservar a cultura. A Kuikuro tem hoje em torno de 450 índios e aproximadamente 60% da população em idade jovem. As meninas, na época da primeira menstruação, já se casam, o que acontece por volta dos 11 anos.

Os índios da tribo não estão passando fome. A alimentação da comunidade, à base de peixe e mandioca, é retirada da própria natureza. A exposição de artesanatos é para conseguir a compra de um caminhão e fugir dos chamados freiteiros da região. Os freiteiros são caminhoneiros que ficam na beira dos rios Kuluene e Tanguru, que dão acesso à cidade de Camarana. Para transportar os índios do rio até a cidade, num percurso de 120 quilômetros, eles cobram R\$ 150,00, valor que a tribo nunca dispõe.

"Cobram até mesmo para transportar os índios doentes", explica Kuikuro. A Funai só manda helicóptero em casos de doenças muito graves. Os partos, por exemplo, não entram nessa situação e as crianças nascem na aldeia. Por enquanto, eles querem conseguir o caminhão. Quem vai dirigir é um outro problema. Afinal, eles são analfabetos. "Mas índio dá um jeito", diz o cacique, em seu português arrastado.

DOR DE CABEÇA

Outra necessidade dos índios é a compra de remédios. A cura é feita pelos pajés com suas ervas e rezas. Mas a comunidade tem sofrido muito com uma forte dor de cabeça que atinge de crianças a idosos. Ninguém consegue explicar o motivo da dor. O que se suspeita é que exista uma relação direta com o sol forte e a temperatura, que fica sempre na faixa dos 40 graus.

Os índios sonham também em conseguir comprar combustível para um barco que foi doado para a tribo. O barco faz a travessia do rio em quatro horas. De canoa, o percurso é de quatro dias enfrentando a correnteza.

O pouco dinheiro que os índios recebem vem do artesanato. Uma das peças mais preciosas é um colar de caramujos. A bijuteria demora em média dois meses para ficar pronta, já que todo o processo é manual, desde a pesca do camarão no fundo do rio até o corte da casca em tiras iguais. Nas lojas, a peça chega a custar R\$ 100,00 a feminina e R\$ 50,00 a masculina. "Queremos vender nosso artesanato diretamente para os brancos aqui de São Paulo a um preço justo", diz Kuikuro, cujo pai, junto com Orlando Vilas Boas, deu início ao Parque do Xingu.



Augusto Camato

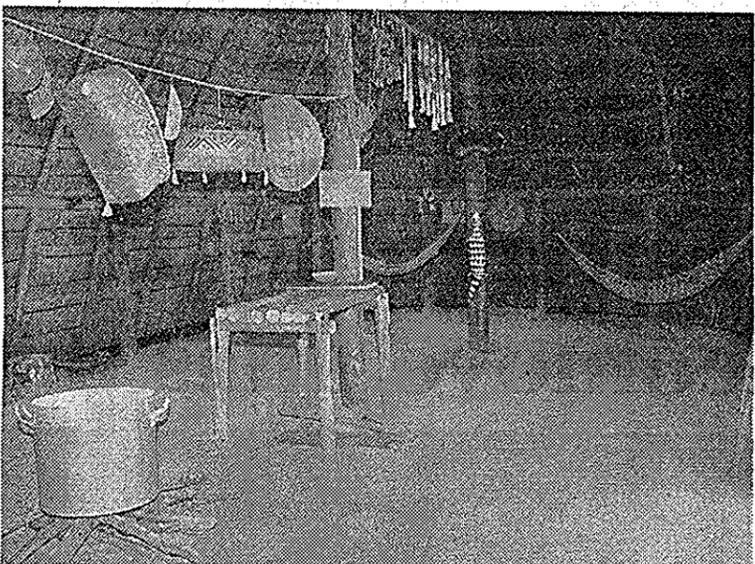
Índios vão trazer para a exposição peças que irão custar de R\$ 7 a R\$ 300

Exposição será em Juquitiba

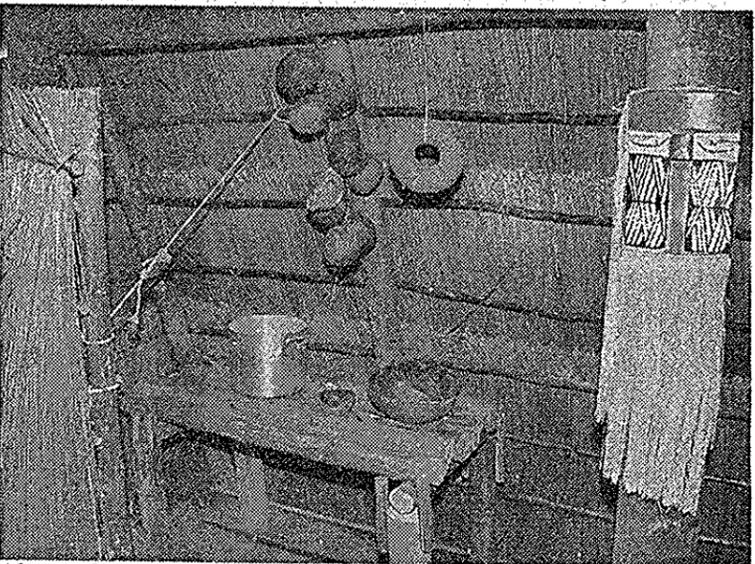
Os índios da Kuikuro deverão chegar a São Paulo nos primeiros dias de abril. A exposição acontecerá na Ete Tuatainu Sogoko, que em português quer dizer Toca da Raposa. Trata-se de um espaço de quatro mil alqueires de Mata Atlântica, em Juquitiba, a 65 quilômetros da Capital. No local, foram montadas ocas para que os índios possam habitar durante o período que ficarem expondo na cidade.

Durante a mostra, os índios farão

apresentação de música e dança. Além dos objetos que serão vendidos, outros estarão em exposição, como a flauta que só pode ser tocada pelos homens, as máscaras utilizadas em diferentes festas e até mesmo o Ankué, um objeto sagrado dos pajés que é usado para afastar os maus espíritos. Os índios deverão trazer em torno de 500 peças com preços que variam de R\$ 7,00 a R\$ 300,00, valor dos bancos confeccionados com uma madeira nativa.



No local, foram construídas ocas que serão habitadas durante o evento



Alguns objetos sagrados para a tribo poderão ser vistos durante a mostra

Kuikuros vivem em 26 ocas

A Kuikuro é uma das principais tribos do Xingu e seus integrantes vivem em 26 ocas. As famílias são grandes, já que os índios vão casando, mas ficam morando com os pais. As grandes ocas são divididas em duas partes. No centro fica a cozinha e nas laterais as redes, que servem de cama. É permitido mais de um casamento aos homens e as mulheres costumam conviver juntas em harmonia. Yacalo Kuikuro tem 11 filhos. Um dos mais jovens é o pequeno Taile, de 3 anos. Por uma de suas filhas, o cacique já recebeu propostas de compra. "É um povo de língua enrolada, dizem que é lá da

França e ofereceram dinheiro pela menina, mas a gente não deixa as moças saírem da aldeia", conta.

Na aldeia, as mulheres vivem em total submissão. Apenas uma consegue falar um pouco de português. A atividade delas é carregar todos os tipos de objetos nas costas, cuidar das crianças e fazer artesanato. Os homens constroem as ocas e saem para caçar. Quando dão à luz, as mulheres ficam em resguardo total durante meses. Os homens costumam presenteá-las com miçangas. É o principal enfeite das mulheres. Nessa tribo, o costume dita que os índios se enfeitam mais que as índias.